



Segundo a CEB, a empresa este ano deixou de ser apenas a Companhia de Energia Elétrica para se tornar uma companhia energética

Energia que gera vida na capital

A escassez de recursos hídricos do DF e conseqüentemente de quedas d'água que possam gerar energia elétrica preocupa quem não é do ramo, mas o diretor de produção e transmissão da CEB, Antônio de Pádua Loures Pereira, tem uma resposta a estas inquietações. "O conceito de independência caiu no mundo como um todo e no setor de energia elétrica ele não se justifica", explica. O DF é abastecido pelo Sistema Interligado de Eletrificação que atende também às regiões Sul e Sudeste. A rede Sintrel redistribui os quilowatts produzidos em usinas hidrelétricas como Furnas, Paranoá Cemig e Light.

A empresa, que este ano deixou de ser apenas a Companhia de Energia Elétrica para ser a Companhia Energética, não tem qualquer temor. "Até porque é um setor ultraprogramado, com projeção para curto, médio e longo prazos". Um destes planos que já está em execução é a elaboração da matriz energética.

A matriz energética é "o diagnóstico de todas as fontes de energia que se tem e das ações capazes de otimizá-las", define Loures Pereira. Para ele, com as mudanças na CEB, a companhia passa a ser responsável por "conversar com cada segmento da sociedade, para estudar que forma de energia seria mais indicada para sua atividade".

Alternativas — Ele cita como exemplo de uso indevido de fonte de energia o caso dos hospitais que aquecem as caldeiras com óleo diesel de péssima qualidade, que exala enxofre na atmosfera e é portanto nocivo à saúde. Mas ele descarta qualquer medida punitiva. O papel da CEB seria discutir com cada setor que alternativa adotar para substituir os recursos que tradicionalmente adota.

Para aumentar a oferta de fonte de energia no DF, o Governo encaminhou um estudo hoje em mãos da Secretaria de Assuntos Estratégicos para que além do poliduto que será construído para trazer derivados de petróleo da Refinaria de Paulínia (SP) até Brasília, a mesma obra erga um poliduto que canalizaria também o gás natural.



Nos últimos dois anos, 3.689 propriedades rurais ganharam energia

Fonte — Na busca por fontes de energia não-poluíntes e renováveis, como alternativa aos combustíveis fósseis, Petróleo) está sendo estudada também a possibilidade de aproveitar o gás metano, que hoje aparece como subproduto do tratamento de duas estações de esgoto da Caesb e até o momento é desperdiçado e queimado para evitar acidentes.

Loures disse que existe até a pos-

sibilidade de se construir uma usina hidrelétrica no rio Preto, em Unai, mas isto dependeria da iniciativa privada se interessar em construí-la, para revender os quilowatts para a CEB. Como empresa do Governo, ele acredita que não seria economicamente viável bancar a proposta de construção. Sairia mais barato comprar a energia, como hoje a CEB é cliente do Sintel.

Eletrificação — Nos últimos dois

anos, 3.689 propriedades rurais ganharam energia elétrica. Antes, foram necessários 20 anos para que o DF instalasse três mil pontos de eletrificação rural. Estes são os resultados do programa Alumiar, que foi implantado em 25 de abril de 91 e nesta primeira etapa construiu uma rede de 649 quilômetros de extensão.

A segunda etapa do Alumiar expandirá a rede rural em 816 quilômetros e já conta com três mil consumidores cadastrados à espera da triagem que é feita para definir os pontos que têm prioridade na instalação.

O engenheiro — Está como prioridade do programa levar energia elétrica a quem produz e para isto a empresa conta com a parceria das associações e sindicatos de produtores rurais, que ajudam a selecionar os que de fato precisam do benefício. As propriedades devem ter no mínimo dois hectares, ou 10 mil metros de área. E também têm a preferência, os postos médicos, escolas e outros equipamentos.

O que movia a eletrificação rural em termo de recurso dos governos nos 20 anos em que pouco avanço foi observado era o Grupo Executivo de Eletrificação Rural (Geer) do Governo Federal, mas seu atendimento era um tanto modesto. Antes do Alumiar, na maioria dos casos, o produtor rural arcava com o custo total de levar energia à sua propriedade.

O Alumiar reduziu a participação do produtor rural nos custos com a instalação da rede elétrica em 50%. O engenheiro da CEB Sebastião Souza explica que embora o interessado entre com a metade do dinheiro necessário para puxar a rede até a propriedade, na verdade está pagando apenas pelo ramal, no custo real da rede, com mão-de-obra, tronco e outros itens, o valor pago representa 32%.

A CEB, como as outras empresas do País, também convive com uma inflação real que consome verbas de seus investimentos. Enquanto na primeira fase foram gastos US\$ seis milhões, para a segunda etapa serão necessários US\$ 15 milhões. Para obter os recursos, o Governo conta com seu caixa e a receita que deve ser levantada com a venda de ações da CEB, que deve acontecer ainda este ano.